

O DÍZIMO



O que a Bíblia ensina sobre os dízimos?
Uma apresentação para a Igreja local

Matthias Theis

O Dízimo, 2. Edição 2022

Número do artigo: 8000-080-03-010-4

Foto: Acik, istockphotos.com

Ao usar a forma masculina se incluye también a feminina.



Prefácio

Provavelmente a maioria dos pastores irá concordar comigo: para nós é difícil falar sobre dinheiro. Por um lado não queremos fazer parte dos que pregam a »Teologia da prosperidade«, nem tampouco fazer do dinheiro um ensino central do evangelho. Nem a Bíblia promete riqueza financeira a todos, como também o dinheiro não é o tema central do Evangelho. Nossa paixão é a missão que Jesus nos deu e o amor ao próximo. Levar pessoas à plenitude de Deus, testemunhar suas experiências com a glória e o poder de Jesus recebendo uma nova vida, é o que nos impulsiona!

Por isso é tão interessante ver quantas vezes Jesus, que é aquele que persegue com muito mais afinco este objetivo, fala sobre o tema das finanças. Se Jesus falou sobre este tema, também nós podemos falar sobre ele abertamente, sem vergonha ou dúvidas – assim como, sobre os dízimos. Aprender a pensar como Deus pensa, será grande benção para nós e para outros!

O objetivo das próximas páginas é considerar alguns pensamentos bíblicos sobre o tema »Finanças«, assim como, discutir o tema »Dízimos« e seu significado para os crentes. Que isso nos leve a ter um coração livre para fazer a vontade de Deus e nos conduza a uma medida maior de suas bênçãos.

Matthias Theis



Uma pequena história sobre o dinheiro

Através da história sabemos que antigamente não era usada moeda como forma de pagamento, mas sim era costume usar mercadorias, especialmente produtos naturais. Isso valia no tempo em que o dinheiro e o câmbio não havia sido estabelecido. A idéia de troca, dar algo para receber outra coisa no seu lugar, já estava ancorada na Bíblia há muito tempo. Desta forma Deus trocou a vida de um animal por roupas para Adão e Eva (Gênesis 3:21). Ainda no tempo dos Reis muitas das »transações financeiras« eram realizadas através de materiais. Desta forma Salomão pagou o rei Hirão pelo seu fornecimento de madeira de cedro e pelas horas de trabalho de seus servos na construção, com frutos da terra (1 Reis 5-9). Em transações do dia-a-dia eram usados, como meios de troca ou pagamento, conchas, pontas de lanças e alguns sais especiais.

A primeira moeda (pepitas de ouro) foi usada pelos Lídios no 7º século antes de Cristo. Isto facilitou muitas coisas na vida e tornou possível a divisão descentralizada dos processos econômicos de trabalho. 300 anos antes de Cristo os romanos estabeleceram um sistema monetário real. O valor da moeda estava diretamente ligado ao valor do material de que ele era feita. Portanto, estas eram feitas de bronze, prata e ouro. Então se alguém necessitava novos sapatos não precisava pechinchar com o sapateiro para saber qual era a mercadoria que ele desejava para esta transação, senão era possível usar as moedas como um meio universal de pagamento. No entanto, dinheiro de papel que foi introduzido mais tarde, não era nada mais do que uma promessa de pagamento feita anteriormente ligada a valores reais e centrais. Na nota da Libra Inglesa ainda há a frase: *»I promise to pay the bearer on demand the sum of one pound.«* (*Eu prometo pagar ao portador desta a soma de uma libra*).



Lidando com o dinheiro

Em nenhum lugar na Bíblia encontramos uma advertência direta ao dinheiro ou a bens materiais. Eles deveriam existir para servir ao homem, para lhe possibilitar a vida e lhe proporcionar certa medida de gozo. Isto foi consagrado na criação assim como na aliança feita com Noé e todas as gerações vindouras. Deus disse em Gênesis 1:29: *»Eis que vos tenho dado toda a erva que dê semente, que está sobre a face de toda a terra; e toda a árvore, em que há fruto que dê semente, ser-vos-á para mantimento«*. E o pacto com Noé Deus disse em Gênesis 9:3: *tudo que se move, que é vivente, será para vosso mantimento; tudo vos tenho dado como a erva verde*. Mais tarde Paulo escreveu em 1 Timóteo 6:17: *nem ponham sua esperança na incerteza da riqueza, mas em Deus, que de tudo nos provê ricamente, para a nossa satisfação*.

Todas estas coisas se baseiam no pensamento de que Deus providenciou o suprimento do homem. Deus providenciou os requisitos básicos para a alimentação e a vida. O homem, por sua vez é desafiado a usar e administrar os recursos terrenos dados por Deus.

Do ponto de vista divino a riqueza não deve ser valorizada negativa ou positivamente. Lemos sobre homens de Deus que eram ricos como Abraão e Jó, assim como, sobre os que eram pobres, os quais não possuíam quase nada ou que devido sua missão atravessaram tempos de pobreza como Jeremias ou João Batista. Com isso, ao contrário da opinião nutrida pelos Judeus daquela época, fica claro: nem riqueza nem pobreza são sinais da benevolência de Deus na vida de uma pessoa, ela está prometida àqueles que fazem a sua vontade (Lucas 3,22).

Já no antigo testamento havia certa proteção aos bens e a idéia de *»Direito adquirido«*. Nos dez mandamentos, que



era como a »Constituição dos Valores« do povo de Deus, furtar os bens de outra pessoa era claramente proibida: *Não furtarás* (Êxodo 20:15), assim como era proibido cobiçar os bens de outra pessoas: *Não cobiçarás a casa do teu próximo, não cobiçarás a mulher do teu próximo, nem o seu servo, nem a sua serva, nem o seu boi, nem o seu jumento, nem coisa alguma do teu próximo* (Êxodo 20:17). O ano do Jubileu também servia como parte do sistema social. Todo terreno arrendado deveria voltar para seu dono de origem (Levítico 25:10).

Para Jesus as finanças eram um meio para conseguir um objetivo, nunca um objetivo em si mesmo. Jesus pagou seus impostos, mandou seus discípulos às compras, pagou o imposto do templo e muito mais.



O perigo do amor ao dinheiro

A Bíblia adverte repetitivamente sobre o perigo da cobiça ao dinheiro, bens e poder. É interessante observar que a primeira advertência que Deus fez ao homem estava diretamente relacionada a isso. Em Gênesis 2:16-17 está escrito: *E ordenou o Senhor Deus ao homem, dizendo: De toda a árvore do jardim comerás livremente, Mas da árvore do conhecimento do bem e do mal, dela não comerás; porque no dia em que dela comeres, certamente morrerás.* O objetivo de Deus era que o homem desfrutasse daquilo que estava à sua disposição e abdicasse àquilo que Deus havia proibido. Assim ele demonstraria seu amor e lealdade a Deus. Mas o homem deu lugar à cobiça, transgrediu o mandamento de Deus caindo assim, na tentação (Gênesis 3).

O homem não mudou muito. Ele continua lutando contra inúmeras tentações dessa origem. Há aquelas que se originam em preocupações. Curiosamente isso pode afetar ricos como pobres. Eles tentam superar as preocupações relacionadas a sua existência, construindo certa segurança financeira. Mas o problema das preocupações não será resolvido através disso, pois o »suficiente« dificilmente pode ser definido por números ou valores.

E ainda existem os invejosos. Eles têm dificuldade de alegrar-se com a satisfação de outrem ou a sua própria, com o sucesso financeiro de alguém, se alguém tem condições de fazer uma nova aquisição ou se tem mais posses do que eles. Eles muitas vezes sofrem de sentimentos de discriminação ou de desprezo. Podemos ver na vida do rei Saul o quanto a inveja pode ser destruidora. A inveja que ele nutria por Davi terminou em grande ódio e destruiu sua credibilidade!

Um terceiro grupo são os avarentos. Que pessoas são essas? O avarento retém para si aquilo que outros precisam,



mesmo sem necessitar. Se ele doa algo, por vezes se arrepende. O avarento muitas vezes não tem consciência da sua avareza. Eles gostam de nomear sua avareza de economia. E finalmente conhecemos o ganancioso. Ele nunca tem o suficiente. Ele tem que ajuntar o máximo possível e ter mais que os outros. Uma variante é o esbanjador, o qual vive acima de suas condições ou gasta seu dinheiro displicentemente. Mesmo que esta frase nos pareça dura: essa pessoa é movida pela sua ganância de possuir mais e mais. A partir daí surgiram algumas figuras de linguagem como: »O mundo é movido por dinheiro«, ou »A qualquer preço«. Quantas decisões da vida são tomadas principalmente por motivos materiais!

Encontramos uma descrição deste estilo de vida em Eclesiastes 5:9-13: *Quem ama o dinheiro nunca ficará satisfeito; quem tem a ambição de ficar rico nunca terá tudo o que quer. Isso também é ilusão. Quanto mais rica é a pessoa, mais bocas têm para alimentar. E o que ela ganha com isso é apenas saber que é rica. O trabalhador pode ter pouco ou muito para comer, mas pelo menos dorme bem à noite. Porém o rico se preocupa tanto com as coisas que possui, que nem consegue dormir. Eu tenho visto neste mundo esta coisa triste: algumas pessoas economizam dinheiro e sofrem com isso. Perdem tudo num mau negócio e assim não deixam nada para os filhos.*

Afogar a falta de sentido na vida e o vazio no consumismo é um fenômeno dos tempos modernos. Vamos às compras, para obter sugestões do que nos falta! Nós praticamente não temos necessidades básicas que não foram supridas, senão desejos não atendidos e indefinidos que querem ser supridos através do consumo desordenado. Por isso por vezes amamos mais a objeto do que pessoas. Ter o suficiente para viver não é algo normal e para a maioria das pessoas



não é visto como um objetivo desejável de vida.

Ironicamente o resultado final desse desenvolvimento é o empobrecimento e escravidão do homem. Não é mais o dinheiro que serve ao homem senão o homem ao dinheiro. Ele praticamente não consegue mais desfrutar das coisas normais da vida de forma descontraída. Ele se torna escravo de algo que deveria ser benção para ele. Assim algumas pessoas arriscaram e arruinaram seus relacionamentos ou desestabilizaram relações de confiança. Nem precisamos olhar para a Bíblia para poder reconhecer o poder dessa força! Diariamente a vida escreve suficientes histórias desse tipo.



O poder da salvação

Mesmo que a verdade muitas vezes seja desagradável, deve ser mencionada aqui. O mal fundamental do coração do homem é o amor errôneo. Por natureza amamos as coisas erradas! Nós desclassificamos o que deveríamos amar. A correção deve começar aqui.

O que aconteceu com Adão e Eva? Eles amaram mais a sua auto-realização e a sedução do novo do que a Deus. Ainda hoje o maior teste na vida consiste na seguinte questão: a quem adoramos? Adão e Eva deveriam demonstrar seu amor e entrega a Deus amando-o mais do que a sua criação. Eles falharam miseravelmente e infelizmente com eles, a humanidade! Nós amamos aquilo que deveria estar em segundo lugar, e menosprezamos a quem deveríamos adorar.

O poder do pecado é tão grande que só a intervenção divina pode nos libertar desse amor errôneo. Essa é a oferta imerecida que Deus em sua graça faz a humanidade. Impressionante como Deus, após a queda no pecado, permitiu que outro ser morresse para tapar a nudez do Homem! Não é difícil de reconhecer nessa história um princípio antecipatório da morte sacrificial de Cristo pela humanidade. A morte de Jesus na cruz trouxe além do perdão, vida eterna e filiação divina algo fundamental: a libertação do poder do pecado. O objetivo da salvação é devolver ao Homem a liberdade de reinar sobre o pecado, para que ele possa servir a Deus e ao próximo (Gálatas 5:1).

Desta forma fica claro porque a Bíblia chama isso de »Conversão«, ou seja, uma mudança radical de sentido. Conversão é uma renúncia consciente, arrependida e resoluta do amor equivocado e significa por outro lado, amar a Deus e ao seu filho Jesus Cristo sobre todas as coisas e segui-lo de todo coração, como está escrito de forma tão linda em Ma-



teus 22:37: Amarás o Senhor teu Deus de todo o teu coração, e de toda a tua alma, e de todo o teu pensamento!

Infelizmente temos que dizer, muitas pessoas se convertem como que pela metade. Elas aceitam de braços abertos o perdão e a reconciliação. Uma conversão verdadeira por sua vez, leva-nos a odiar o pecado – sim aos próprios – e em pleno desespero, entregar-se totalmente à misericórdia de Deus. E como resultado disso vem o profundo e resolutivo desejo de viver de forma distinta de antes – com novos objetivos e valores, baixo o senhorio de Deus.

Somente depois desta experiência e nesta forma de pensar o Homem receberá o fundamento para lidar com as coisas materiais de forma responsável, descontraída e abençoada, pois agora ele se sente e sabe que é amado e provido por Deus.



Resultados da salvação

O homem que aprende a ouvir a Deus e que com a ajuda do Espírito Santo faz dos valores e leis Bíblicas os seus, encontrará em si o fruto da salvação. Ele descobre um novo tipo de liberdade. Ele não é mais um escravo do dinheiro, nem no sentido da ganância nem da preocupação, ele se torna um administrador daquilo que lhe foi confiado. Paulo disse que se o Espírito de Deus reinar em nossa vida irá produzir em nós outro tipo de fruto (Gálatas 5:22). O homem tem que aprender a colocar seu coração diariamente sob a eficácia do Espírito Santo. Aquele que pensa não precisar disso nunca desenvolverá o fruto do Espírito Santo na sua vida. Paulo apresenta isso de forma bem clara no versículo 24: *E os que são de Cristo crucificaram a carne com as suas paixões e concupiscências*. Isso é um modo de pensar que leva à liberdade. Paulo esclarece na próxima frase que isso se refere também a área financeira: *Que o espírito Deus, que nos deu a vida, controle também a nossa vida (todas as áreas de nossa vida)*.

Quais são os efeitos »perceptíveis« disso? Como é que esta liberdade se expressa? Quais são os resultados esperados dessa atitude?

Somos livres do poder do dinheiro.

Isso significa que nos tornamos honestos e sinceros ao lidar com dinheiro e livres do poder por trás dele. Não andaremos perambulando e carregando as preocupações dominantes relacionadas às nossas vidas. Não precisamos nos usurpar de nada, nem mesmo em casos de heranças. Não necessitamos fazer coisas escondidas. Declaramos corretamente todas as entradas para o imposto de renda, reconhecemos as fraudes e colocamos tudo em ordem. Assim proporcionamos cura emocional onde discriminamos ou



tratamos pessoas injustamente. Isso é muito bem ilustrado na história de Zaqueu. A primeira reação depois de sua conversão foi: *Senhor, eis que eu dou aos pobres a metade dos meus bens; e, se nalguma coisa tenho defraudado alguém, o restituo quadruplicado* (Lucas 19:8)!

Tornamo-nos livres de inveja e cobiça.

Uma descrição emocionante dessa situação encontra-se no exemplo das primeiras igrejas em Jerusalém. Delas está escrito em Atos 2:44-45: *E todos os que criam estavam juntos, e tinham tudo em comum. E vendiam suas propriedades e bens, e repartiam com todos, segundo cada um havia de mister.* Qual era a raiz dessa atitude? O amor de Deus estava agindo em seus corações! Amor é tantas vezes confundido com um sentimento. Aqui vemos que o senhorio de Deus e amor traziam resultados na vida diária. Vida livre de inveja e cobiça!

Tornamo-nos generosos.

Mais tarde vemos também nas primeiras igrejas o poder salvador do Espírito Santo. Dos crentes de Jerusalém receberam um chamado de serem generosos. Leiamos com atenção como isso se manifestava. Lucas conta em Atos 4:34-37: *Não havia, pois, entre eles necessitado algum; porque todos os que possuíam herdades ou casas, vendendo-as, traziam o preço do que fora vendido, e o depositavam aos pés dos apóstolos. E repartia-se a cada um, segundo a necessidade que cada um tinha. Então José, cognominado pelos apóstolos, Barnabé (que, traduzido, é Filho da consolação), levita, natural de Chipre. Possuindo uma herdade, vendeu-a, e trouxe o preço, e o depositou aos pés dos apóstolos!* De onde vinha este comportamento? Não vinha de uma pressão, controle, ou algo semelhante, senão efeitos práticos



experimentados da misericórdia de Deus.

Tornamo-nos satisfeitos com aquilo que temos.

Quem não é conduzido pela preocupação, cobiça inveja ou ganância pode, com gratidão, concentrar-se àquilo que ele já tem! O segredo de reconhecer necessidades reais (o que eu realmente preciso?) e evitar conscientemente coisas vãs (não precisamos de todo luxo) também foram descobertos por Paulo. Ele escreveu a Timóteo: *De fato, a piedade com contentamento é grande fonte de lucro* (1 Timóteo 6:6)! Raramente nascemos com esta capacidade, temos que desenvolvê-la.

Nossos desejos pessoais?

Deus gosta de nos abençoar e nos fazer bem. Essa é a natureza do Pai. Quando nossos motivos, valores e prioridades estão esclarecidos, podemos desfrutar mal consciência do que Deus está nos dando. Diz-se em Eclesiastes 5:18: *Coisa é comer e beber e gozar cada um do bem de todo o seu trabalho, com que se afadigou debaixo do sol, durante os poucos dias da vida que Deus lhe deu; porque esta é a sua porção.* Para que possamos desfrutar dos prazeres dessa vida com Deus precisamos fazer as seguintes perguntas: Isso vai melhorar ou abençoar minha vida? Poderei pagar? Tenho tempo e recursos para usar e desfrutar? Um dia recebi uma oferta de uma pessoa que eu conhecia desde a infância, oferta essa que me daria o prazer de ter um iate. Como sou alguém que gosta de velejar, foi uma grande alegria para mim, a generosidade daquela pessoa me tocou. No entanto, em oração e em conversa com minha esposa, percebi que tínhamos outras prioridades com a igreja e a família. Tanto a manutenção, lugar para guardar e as despesas anual se tornariam simplesmente demais – com tempo e



financeiramente. Eu agradecidamente não aceitei a oferta e me senti muito aliviado. Por outro lado, fico maravilhado como quantas vezes Deus me guiou na aquisição de coisas e me forneceu somente o necessário!

Auto-avaliação

Querido, como está o teu coração? Você encontra preocupações financeiras, inveja, ganância ou cobiça em teu coração? Você deseja que a salvação de Jesus tenha um resultado mais profundo na sua vida? Então não somente há esperança para você, como também, você tem a promessa do auxílio de Deus. Ore comigo:

»Senhor Jesus, eu confesso os sentimentos, desejos e paixões do meu coração! Eu peço perdão por toda a cobiça e inveja, a ganância e as preocupações! Espírito Santo, através de Jesus me foi prometido libertação dessas coisas. Por isso eu submeto meu coração a ti, quero estar crucificado junto com Jesus com relação a estas coisas e andar na tua liberdade! Se eu privei a alguém de algo ou neguei alguma coisa a alguém, quero acertar essa situação da melhor maneira que puder! Guie-me Senhor em todos os desejos do meu coração. Te agradeço por tudo o que tenho e acima de tudo por Ti Jesus. Obrigado, pois és um Deus Bom e um provedor maravilhoso! Amém.«



Administração

Agora que esclarecemos a questão do coração, podemos nos perguntar como lidamos em geral com nossas finanças e nossos recursos como: capacidades, tempo e chances. Relacionado a esse assunto existe, na Bíblia, uma palavra que é citada repetitivamente. A palavra é »Administração«. Hoje em dia esta palavra praticamente sumiu do vocabulário alemão e foi substituída pela palavra »Management«. Já que a segunda traz consigo certa carga, tanto positiva quanto negativa, queremos trabalhar com a palavra antiga »Administração« e observar o sentido bíblico que ela traz.

A Palavra grega *oikonomia* descreve o Management ou a gerência dos bens de outrem. Nos evangelhos, mais especificamente em Mateus 25 – e de forma semelhante em Lucas 19 – encontramos a história dos três servos, aos quais foram confiados talentos (valores monetários específicos), de acordo a suas capacidades. Era sua tarefa aplicá-los e multiplicá-los a favor do seu chefe. No final todos deveriam dar contas do que fizeram com eles. Nisso foi dada atenção apropriada à fidelidade. Nessa parábola Jesus deixou claro que, fidelidade é servir a Deus com os próprios recursos, mesmo que Jesus ainda não tenha voltado. Aquele que serve a Deus desta forma será recompensado, aquele que não o faz sofrerá perda eterna.

Paulo, por sua vez, usa o termo relacionado à responsabilidade que lhe foi confiada de pregar o evangelho e implementar o plano divino em relação à Igreja. Na essência, administração no sentido bíblico é participar plenamente no cumprimento do plano de Deus para a humanidade. Isto é gerenciar o evangelho. Este é um grande privilégio e vai muito além dos aspectos financeiros.

A esse respeito, Deus parte de alguns princípios básicos que



não são imediatamente óbvios. Assim, o homem nunca é o proprietário de algo. Tudo pertence a Deus. Deus mesmo disse isso em Deuteronômio 10:14 e em muitos outros versículos bíblicos: *Eis que os céus e os céus dos céus são do Senhor teu Deus, a terra e tudo o que nela há.* Toda pessoa que escutar isso pela primeira vez da terá um susto. A lógica dessa afirmação fica clara se meditarmos um pouco sobre a vida: o homem tem alguma coisa que não lhe tenha sido dado? Ou falando de outra maneira: existe alguma posse nesta Terra que o homem mesmo tenha criado? Em todos os aspectos o homem é dependente de recursos alheios – seja a casa construída por ele ou seu salário mensal. Tudo foi dado a ele. Em última estância tudo pertence a Deus. Se tudo pertence a Deus isso nos faz somente usuários. Como usuários, temos o dever de dar contas ao proprietário. Se, por exemplo, eu usufruir de um apartamento alugado, isso não me desvencilha do dever que tenho de prestar contas ante o proprietário ou do administrador instituído por ele. Aquilo que nos parece abstrato torna-se concreto. Eu tenho o dever de dar contas a Deus da forma que lidei com todas as coisas que usufruí na minha vida. Você já perguntou alguma vez a Deus como você deve lidar com aquilo que ele te confiou? Com relação a isso, a frase de um pai, uma vez, me tocou profundamente. Ele disse: *»Deus me presenteou com filhos. Mas eu nunca perguntei a ele como ele gostaria que eu lidasse com os meus filhos.«*

Segundo a Bíblia, um bom administrador é identificado pelas seguintes características: **Lealdade**. Isso significa ser confiável e seguro. Mas também significa cuidar que meus recursos sejam usados da melhor maneira possível. Significa **disposição para aprender**. Por sorte fomos chamados a sermos discípulos – e não especialistas. Um discípulo é um



aprendiz. Ele não para de desenvolver-se, mas quer aprender inclusive através dos erros. E um bom administrador se vê como um **Servo de Deus**. Ele quer ser útil para Deus e ser defensor das causas de Deus.

Finalmente ser um administrador significa tirar o melhor daquilo que me foi confiado, em interesse do proprietário. Isso inclui valores como economia, por um lado, mas também generosidade bíblica. Significa ver as finanças como um investimento em valores eternos!



A estranha história do mordomo infiel

Em Lucas 16:1-9 Jesus conta uma história que surpreendeu muitos cristãos. A saber, nos espanta ouvir as seguintes palavras de Jesus:

Jesus disse aos seus discípulos: O administrador de um homem rico foi acusado de estar desperdiçando os seus bens. Então ele o chamou e lhe perguntou: Que é isso que estou ouvindo a seu respeito? Preste conta da sua administração, porque você não pode continuar sendo o administrador. O administrador disse a si mesmo: Meu senhor está me despedindo. Que farei? Para cavar não tenho força, e tenho vergonha de mendigar. Já sei o que vou fazer para que, quando perder o meu emprego aqui, as pessoas me recebam em suas casas. Então chamou cada um dos devedores do seu senhor. Perguntou ao primeiro: Quanto você deve ao meu senhor? Cem potes de azeite, respondeu ele. O administrador lhe disse: Tome a sua conta, sente-se depressa e escreva cinquenta. A seguir ele perguntou ao segundo: E você, quanto deve? Cem tonéis de trigo, respondeu ele. Ele lhe disse: Tome a sua conta e escreva oitenta. O senhor elogiou o administrador desonesto, porque agiu astutamente. Pois os filhos deste mundo são mais astutos no trato entre si do que os filhos da luz.

À primeira vista pode-se pensar que Jesus aprova a desonestidade, mas ele mesmo confirma nos versículos seguintes, que isso não é assim. Quando ele fala sobre a lealdade nas coisas pequenas. O que Jesus quer dizer então? Jesus cita uma palavra por duas vezes: astúcia! Que prudência é essa que os seguidores de Jesus deveriam possuir? Jesus explica no versículo 9: *Por isso, eu lhes digo: usem a riqueza deste mundo ímpio para ganhar amigos, de forma que, quando ela acabar, estes os recebam nas moradas eternas.*

Jesus mostrou a seus seguidores que eles devem usar sua



riqueza para os interesses do reino de Deus. Os cristãos, assim como o mordomo prudente, devem aprender a pensar no futuro! Seu investimento financeiro, através do qual eles fazem o bem aos outros, tem implicações eterna. Nós muitas vezes só pensamos no presente e no futuro imediato deixando de nos preparar para o futuro, para a vindoura prestação de contas com Deus e de viver dando!



O Final

A Bíblia nos ensina a olhar para as nossas vidas a partir do final. Isso muitas vezes está relacionado ao Juízo final. A recompensa prometida por Deus deve ser uma motivação para o cristão não focar seu coração nas coisas terrenas, porém nas eternas.

Em Marcos 10:28 Pedro perguntou, representando os outros discípulos: *Eis que nós tudo deixamos, e te seguimos.* Sua afirmação na verdade era uma pergunta. Ele queria saber qual seria a vantagem deles no final. Pedro deixou sua profissão de pescador para seguir a Jesus. A isso Jesus respondeu assim: *E Jesus, respondendo, disse: Em verdade vos digo que ninguém há que tenha deixado casa, ou irmãos, ou irmãs, ou pai, ou mãe, ou mulher, ou filhos, ou campos, por amor de mim e do evangelho. Que não receba cem vezes tanto, já neste tempo, em casas, e irmãos, e irmãs, e mães, e filhos, e campos, com perseguições; e no século futuro a vida eterna.*

Jesus deixou claro, três coisas: Em primeiro lugar Deus devolverá 100 vezes mais. Deus não é mesquinho. Aquele que deixa coisas por Deus receberá muitas vezes mais disso. Em segundo lugar, Jesus diz que receberemos uma parte desta recompensa ainda aqui na Terra – por um lado de forma material, mas também na forma de uma nova família. E por final existe um componente desta recompensa que se parece com a caixa de pensão. Essa somente será paga quando estivermos diante de Deus.

Nesta perspectiva, as palavras diretoras de Jesus, ganham uma nova ênfase: *Não ajunteis tesouros na terra* (Mateus 6:19). Com certeza essa afirmação não foi feita contra qualquer tipo de riqueza, mas Jesus fala contra o juntar riquezas. Cuidado! O que realmente conta é sermos ricos em Deus. A essência disso – como dar, jejuar e orar – Jesus



mencionou logo depois em Mateus 7:1-18. Isso traz recompensa verdadeira.

Paulo enfatiza mais ainda em 1 Timóteo 6:17-19: *Manda aos ricos deste mundo... Que façam bem, enriqueçam em boas obras, repartam de boa mente, e sejam comunicáveis; Que entesourem para si mesmos um bom fundamento para o futuro, para que possam alcançar a vida eterna.* Não podemos comprar a eternidade, ela é um presente que nos foi dado através de Jesus Cristo. Mas a recompensa que receberemos no céu será diferenciada – dependendo daquilo que fizemos, por exemplo, com nossas finanças.



O que a Bíblia diz sobre os dízimos?

Deveríamos poder tratar deste tema sem medo e restrições. Temos um Deus bom e doador que deseja o melhor para o homem. Quando falamos dos dízimos, temos que fazê-lo no contexto do tremendo amor de Deus ao homem. O cristão sincero, que procura entender este tema, deve fazê-lo integrado ao seu relacionamento com Deus.

Por que estou mencionando isso de antemão? Porque nas coisas espirituais existe o perigo de se começar a defender um recipiente ao invés de concentrar-se no conteúdo. Alguns exemplos para isso: Sim, o cristão deve orar! Mas se a oração for vista como um exercício ou uma obrigação estacionamos, ao invés de ver a oração como parte natural do cultivo do nosso relacionamento mais importante. Ou: Sim, o cristão deve participar e comprometer-se em uma igreja local. Mas quando o objetivo não é mais: viver em amor, compromisso e encorajamento mútuo para seguir a Jesus, senão somente o desejo de ser membro de uma igreja, uma boa intenção pode tornar-se um ritual.

Assim também em relação ao dízimo. Queremos considerar da perspectiva do tremendo amor de Deus a nós pessoalmente – portanto, de uma convicção de confiança nos planos bem definidos de Deus e na certeza de ter um Deus para o que milagres são algo »natural«.



Dízimo – uma aliança de bênção de Deus com o homem

A Palavra de Deus fala do dízimo como um princípio financeiro instituído por Deus, que traz consigo, promessas maravilhosas. Em relação ao dízimo Deus mesmo se comprometeu, dando sua palavra de honra, às bênçãos e provisão. O profeta diz claramente que não dar o dízimo seria o mesmo que roubar a Deus, enganá-lo e tirar dele a possibilidade de abençoar as nossas vidas. Assim está escrito em Malaquias 3:8-12: *Roubará o homem a Deus? Todavia vós me roubais, e dizeis: Em que te roubamos? Nos dízimos e nas ofertas. Com maldição sois amaldiçoados, porque a mim me roubais, sim, toda esta nação. Trazei todos os dízimos à casa do tesouro, para que haja mantimento na minha casa, e depois fizeti prova de mim nisto, diz o Senhor dos Exércitos, se eu não vos abrir as janelas do céu, e não derramar sobre vós uma bênção tal até que não haja lugar suficiente para a recolherdes. E por causa de vós repreenderei o devorador, e ele não destruirá os frutos da vossa terra; e a vossa vide no campo não será estéril, diz o Senhor dos Exércitos. E todas as nações vos chamarão bem-aventurados; porque vós sereis uma terra deleitosa, diz o Senhor dos Exércitos.*

Imediatamente após a advertência o profeta revela o coração de Deus. Pois o fato não é tanto uma advertência, senão um profundo desejo de Deus, abençoar o seu povo. Sem a entrega do dízimo é removido de Deus a oportunidade legal de se revelar a seu povo, sim a cada indivíduo numa medida grandiosa de bênção. Nesta declaração vemos que Deus sofre como um pai que deseja dar boas dádivas a seus Filhos, mas eles as recusam, pois não cumprem com sua tarefa.

Uma aplicação destes versículos de Malaquias poderia ser a seguinte, tanto na vida pessoal como ensino universal:



- O **Dízimo pertence a Deus**. Ele não faz parte das finanças que podemos usufruir livremente.
- O dízimo em íntegra pertence à **igreja local**. Assim a igreja local pode cumprir com atividades missionárias, a proclamação da Palavra de Deus e tarefas sociais. As finanças devem ser confiadas nas mãos dos líderes da igreja para que sejam por eles administradas (Atos 4:37).
- Devemos **Provar a Deus**, para experimentar dele. Praticamente não existe nenhum versículo bíblico que convida o homem – crente ou não – a desafiar de forma concreta o agir de Deus. Deus diz: Prova-me! Faça um teste! Viva este princípio – e a reação de Deus virá!
- Através da entrega do dízimo damos a Deus a possibilidade de derramar sobre a nossa vida **uma infinidade** de bênçãos.
- O dízimo também assegura que a casa de Deus continue a distribuir **alimento espiritual**. Segundo a Palavra uma igreja doadora será uma igreja alimentada ricamente.
- A entrega do dízimo também aciona uma **proteção de Deus**. Isso não deve ser compreendido como um »seguro total«, mas Deus promete repreender o »Devorador«, um tipo de gafanhoto. Este é um simbolismo a tudo que queira nos roubar nossos bens e pertences.
- Uma igreja, onde o dízimo é entregue, é uma **igreja atrativa**. Através do seu poder aquisitivo assim como das bênçãos de Deus sobre ela, ela pode fazer muito mais e ser benção à outros.

Se um crente, que ama a Deus, lê as afirmações acima, não sente despertar em si um desejo de descobrir para si este princípio espiritual e praticá-lo? Sim, sobre o dízimo deve-



ria ser mais falado e ensinado – em primeira linha não por motivos financeiros – senão do desejo de que Deus abençoe mais ainda os crentes e a sua Igreja!



Dízimo – Parte da nova aliança

Por muitas vezes percebo admirado, que muitos crentes conhecem menos a Bíblia do que o esperado. Eles pensam que o dízimo é parte do Antigo Testamento e da Lei não tendo mais nenhum significado para os crentes do Novo Testamento. Será que isso realmente é assim? Quero citar duas razões bíblicas para a importância atemporal do dízimo na Terra:

Primeiro de tudo, é um erro, separar o Antigo e o Novo Testamento de forma tão drástica assim. O Antigo Testamento também é a Palavra de Deus. As Escrituras do Antigo Testamento nunca foram canceladas pelas do Novo Testamento! No Novo Testamento, temos mais de 220 citações precisas do Antigo Testamento e mais de 600 referências a ele. Deus é um Deus de continuidade. Jesus mesmo construiu seu ensino sobre as declarações do Antigo Testamento. O Deus do Antigo Testamento com certeza é também o Deus do Novo Testamento. Paulo também disse em 2 Timóteo 3:16: ***Toda a Escritura é divinamente inspirada, e proveitosa para ensinar, para redarguir, para corrigir, para instruir em justiça. E Jesus disse e advertiu em Mateus 5:19: Qualquer, pois, que violar um destes mandamentos, por menor que seja, e assim ensinar aos homens, será chamado o menor no reino dos céus; aquele, porém, que os cumprir e ensinar será chamado grande no reino dos céus.***

O que mudou então? O que é válido ainda hoje e o que não é? A lei cerimonial do Antigo Testamento foi substituída pela nova aliança em Jesus Cristo. Não é mais relevante para o crente de hoje, exceto de antecipar a vinda Jesus. Para nós, isso significa que as leis de sacrifício, construção, festas e limpeza, exteriores, foram substituídas pelo sacrifício de Jesus e sua morte expiatória. Mas muitos outros, especialmente os Dez Mandamentos, e também o dízimo



permaneceram e até mesmo foram aprofundados.

JSim, o Novo Testamento fala de forma bem clara sobre os dízimos como princípio da graça e da benção. Jesus ensinou sobre isso, escrito nos Evangelhos de Mateus e Lucas, e dirigiu suas palavras claras contra os fariseus, que se baseavam em declarações isoladas do Antigo Testamento, sem considerar as intimações mais profundas que envolviam o coração. *Ai de vós, escribas e fariseus, hipócritas! Pois que dizimais a hortelã, o endro e o cominho, e desprezais o mais importante da lei, o juízo, a misericórdia e a fé; deveis, porém, fazer estas coisas, e não omitir aquelas* (Mateus 23:23). O que Jesus disse aqui – e o que ele não disse? O »ai« de Jesus aos escribas não se relaciona ao fato de eles darem o dízimo, senão o negligenciar questões mais importantes em sua vida de fé. Se Jesus quisesse cancelar o dízimo, ele poderia ter feito com mais credibilidade. Mas ele reconhece que eles deram o dízimo, mas os exorta a agir com a mesma dedicação em relação à justiça, a misericórdia e a fé. Jesus reforça ainda mais e diz: *deveis, porém, fazer estas coisas* – dar o dízimo. Portanto, não dar o dízimo seria uma contradição a declaração de Jesus.

O convite a dizimar e ofertar ao Senhor e não é então um »sair da Graça para debaixo da Lei«, senão um princípio sólido que Jesus afirmou claramente.



O dízimo – Parte da vida na fé

Quem ainda está inseguro se o dízimo é ou não algo que pertence somente a Lei de Moisés, deve saber que o dízimo existia antes de Moisés. Então ele não tem nada a ver com a Lei. O texto seguinte de Gênesis 14:17-20 refere-se a um período de cerca de 500 anos antes da entrega das Tábuas da Lei: *E o rei de Sodoma saiu-lhe ao encontro (depois que voltou de ferir a Quedorlaomer e aos reis que estavam com ele) até ao Vale de Savé, que é o vale do rei. E Melquisedeque, rei de Salém, trouxe pão e vinho; e era este sacerdote do Deus Altíssimo. E abençoou-o, e disse: Bendito seja Abrão pelo Deus Altíssimo, o Possuidor dos céus e da terra; E bendito seja o Deus Altíssimo, que entregou os teus inimigos nas tuas mãos. E Abrão deu-lhe o dízimo de tudo.*

Por que Abraão fez isso? Abraão reconheceu em Melquisedeque um representante de Deus. Ele sabia que era apropriado e correto dar o dízimo a ele. Por quê? Nós não conhecemos todos os motivos para isso. Importante, porém é o entendimento de que Abraão era um homem notável de fé. Dar o dízimo era para ele, de forma clara, parte óbvia da sua vida de fé. Lembremo-nos: para Abraão a fé nunca foi algo somente do coração, senão do coração e atitude.

Segundo Hebreus 11:1 fé significa ver o invisível, uma dimensão, que está acima do natural: *Então o que é a Fé? É a confiança de que aquilo que esperamos será cumprido e a convicção que aquilo que não vemos existe.* Somente assim podemos entender quando Jesus disse que mais abençoado é dar que receber. Somente assim podemos aceitar com alegria a promessa de Lucas 6:38: *Dai, e ser-vos-á dado; boa medida, recalcada, sacudida e transbordando, vos deitarão no vosso regaço; porque com a mesma medida com que me-*



dirdes também vos medida de novo. Aquele que crê e aceita essas promessas irá experimentar Deus de forma maravilhosa! Essa é uma de suas maiores promessas!

Pessoalmente, eu descobri que o pagamento de dízimos e impulsos do Espírito Santo para ir além das ofertas e sacrifícios, faz parte de um desenvolvimento saudável da fé. Eu sempre experimentei o dar como uma vacina contra preocupações, ganância e avareza. É como um treinamento para que o coração, permanecer livre do amor ao dinheiro. Este treino nem sempre é fácil, mas definitivamente me ajuda a aprofundar e fortalecer a confiança em Deus!

Quantos testemunhos existem de pessoas que contam a forma maravilhosa que Deus as supriu! Eu me lembro dos meus avós maternos que sempre foram pobres, mas sempre apoiaram a igreja e o Reino de Deus fielmente. Deus proveu tanto que no final de suas vidas sua situação financeira era tão boa, que teria sido impossível prever e calcular! O dízimo não é uma questão de cálculo, mas da fé e da experiência em Deus!



O dízimo na prática

Aquele que, no seu coração, recebeu a convicção de dar o dízimo, não deve encarar isso como um exercício para sua contabilidade, senão como parte da sua vida de fé, de entrega e adoração a Deus. Essa é a motivação correta. Somente dizer »se é assim então eu faço« não traria as bênçãos, das quais Deus falou.

A seguir serão citadas algumas dicas práticas de como lidar com o dízimo. Elas devem ser vistas como simples passos e ao mesmo tempo responder questões que sempre aparecem com relação ao dízimo.

1. Comece em Oração.

Submeta toda tua vida ao Senhor e dedica a Ele novamente todas as áreas dela. Você pode demonstrar isso tomando a decisão de segui-lo e de crescer no amor a Jesus, baseado no amor e misericórdia que você já experimentou.

2. Permita que Deus substitua possíveis medos, preocupações e atitudes negativas, por fé.

Algumas dessas coisas já abordamos antes. Leve a Deus esses sentimentos! Não tenha vergonha de falar abertamente com Deus sobre isso. Diga a Ele que você precisa de sua ajuda, que é um teste de confiança para você e que não é fácil. Você também poderia dizer para ele que você quer ser livre de tudo que te impede de viver no seu plano perfeito e que você quer ter novas experiências com Ele! O dízimo é algo que depende da fé e do relacionamento com Deus. O que Deus promete? Ele promete te capacitar a dar: *E Deus é poderoso para fazer abundar em vós toda a graça, a fim de que tendo sempre, em tudo, toda a suficiência, abundeis em toda a boa obra (Salmos 112:9): »Ele espalhou, deu aos necessitados; a sua justiça permanece para sempre, e a sua*



força se exaltará em glória» (2 Coríntios 9:8).

3. Desenvolva a generosidade.

A Bíblia fala que existe o dom de dar. E me lembro de uma senhora idosa que decidiu mudar para um apartamento menor onde o aluguel era mais barato. Ela fez isso para poder dar mais. Isso me tocou profundamente, e sem dúvida, o coração de Deus também. Era perceptível que essa mulher tinha o dom de dar. Nem todos têm esse dom. Mas cada um é chamado a dar com alegria e em fé. Deus diz em 2 Coríntios 9:7: *Cada um contribua segundo propôs no seu coração; não com tristeza, ou por necessidade; porque Deus ama ao que dá com alegria.* Pense na recompensa de Deus e nas suas promessas: *Deus multiplique a vossa sementeira, e aumente os frutos da vossa justiça* (2 Coríntios 9:10). Assim o dar torna-se algo agradável! Não significa perder algo, senão dar a Deus a possibilidade de te abençoar.

4. Pense no valor do seu dízimo.

O dízimo é 10% de todas as nossas entradas. Não precisamos ir tão longe como os Fariseus e dizimar o endro da horta. O Dízimo deve ser tirado do nosso salário, de presentes extraordinários, bônus e heranças. O Dízimo deve ser a primeira saída registrada em nossa contabilidade, pois ele não nos pertence. Pessoas que tem um salário mensal podem calcular isso facilmente. Para os casais, a decisão de dizimar deve ser tomada em conjunto. Se um dos cônjuges não é crente é necessário que os dois entrem em comum acordo e estabeleçam limites. Eu não recomendaria, dentro de um casamento, que um dos lados desvie dinheiro que é administrado em comum secretamente. Uma solução aqui seria dizimar somente da parte que pertence particularmente a uma pessoa. Para um profissional independente é



um pouco mais complicado. De acordo com a situação, ele somente poderá fazer um cálculo definitivo do dízimo, no balanço anual. Quem tiver a possibilidade de alguma vez visitar o seminário de finanças ou procurar um conselheiro orçamental, deveria fazer uso dessas ajudas. Uma eventual diretiva durante a vida profissional poderia ser: dê o dízimo, economize outros 10% e viva com 80% ou menos.

5. Aproveite a possibilidade de fazer um contrato de débito automático no banco ou correio.

Muitas pessoas que tem uma renda fixa encaram o fato de não precisarem ir ao banco, mês após mês e pegar uma quantia de dinheiro em espécie para pagar suas contas, como ajuda e aproveitam a facilidade do débito automático. Em muitos casos é possível obter do contador da igreja um comprovante de contribuição e abater este valor, na íntegra ou em parte, dos seus impostos. Havendo alguma alteração de salário, o contrato de débito automático pode ser simplesmente ajustado.

6. Não pare no dízimo.

Aquele que descobriu a benção de dizimar desenvolverá uma alegria no dar que o levará além dos dízimos. A isso chamamos de dízimos e ofertas. O Espírito Santo vai e pode falar conosco interiormente, estabelecendo sinais especiais para abençoar a igreja e sua missão além dos dízimos. É preciso ter ouvidos abertos para o Senhor e seguir sua vontade. Muitas vezes, nosso relacionamento pessoal e a escuta da voz do Senhor são tão profundos que nos leva a sentir a alegria de fazer coisas extraordinárias em segredo, causando tremendas bênçãos – conosco e com os outros!)



7. Não desista.

Pelo fato do dízimo ainda ser algo que depende da fé, passaremos por provações. Haverá momentos onde seremos tentados. Quantas vezes pessoas testemunharam as seguintes experiências: passamos por decepções na igreja e então não queremos mais dar o dízimo. A lavadora de roupas estragou repentinamente, não sabemos como iremos cobrir os custos e pensamos em »economizar« o dízimo. Ou o pensamento: a Igreja com certeza tem dinheiro suficiente, o pouco que eu dou não irá faltar. Poderíamos alongar bastante esta lista. Sabemos que o inimigo age através de argumentos negativos. Não de lugar ele. Persevere e coloque a tua esperança em Deus. Pois você não está dando a uma instituição, senão ao próprio Deus. Aquele que agir errado neste assunto estará enganando a si mesmo.

8. Lembre-se dos resultados do dar.

Francamente: isso é algo que me motiva de forma especial! Paulo lembrou os crentes que estavam ofertando para Jerusalém, que suas ofertas trazem ajuda e, além disso, louvor a Deus: *Porque a administração deste serviço, não só supre as necessidades dos santos, mas também é abundante em muitas graças, que se dão a Deus. Visto como, na prova desta administração, glorificam a Deus pela submissão, que confessais quanto ao evangelho de Cristo, e pela liberalidade de vossos dons para com eles, e para com todos* (2 Coríntios 9:12-13). Quando penso em quanta dor e sofrimento são amenizados, tanto local como pelo trabalho missionário no exterior, através da oferta da igreja, e quantas pessoas experimentam bênçãos, salvação e cura, meu coração se alegra! Ofertar transforma vidas! Por isso quero te animar: quando a tua Igreja está fazer arrecadações – Doe! Doe de coração! Doe o que você pode! E olha para os resultados!



Pessoalmente eu posso olhar trás décadas à prática de dizimar. Eu nunca teria imaginado que Deus se mostraria tão gracioso comigo na área financeira bem como nas outras áreas! Mas hoje eu posso olhar para trás e dizer: cada oferta foi um investimento! Valeu à pena. E quando eu penso que, juntamente com minha amada esposa, eu tenho alguns anos a frente para praticar o dizimar, meu coração se alegra e fica na expectativa daquilo que o futuro irá trazer e como Deus ainda vai nos abençoar!



Epílogo

Quando você escreve algo, você sempre fica numa certa tensão. Você não sabe qual será a reação do leitor, pois raramente se nota uma reação imediata. Mas existe a esperança de que a reação seja positiva.

Pessoalmente eu tenho a esperança de que os pensamentos anteriores levem muitos dos leitores a um relacionamento mais profundo com Deus através de Jesus Cristo. Fé profunda, maturidade, confiança em Deus e experimentá-lo como provedor, nos levará a experimentar a melhor parte no nosso relacionamento com Ele.

Além disso, nosso desejo é que muitos sejam encorajados a dízar e ofertar muito mais além, com mais convicção e alegria para o Senhor. É o meu clamor a Deus, que recursos financeiros que ainda estão bloqueados, possam servir a Deus e à expansão do seu Reino. Isso tem a ver com a eternidade.

E para finalizar, o meu desejo mais profundo é que cada leitor possa experimentar de forma maravilhosa a provisão divina, para si e para os outros. Com um coração pastoral, oro que muitos dêem a Deus a oportunidade de abrir ainda mais os céus sobre suas vidas! Deus quer abençoar! Deus é um Deus bom, que ama seus filhos como um pai amoroso e muito mais!

O DÍZIMO

O que a Bíblia ensina sobre os dízimos?
Uma apresentação para a Igreja local



Matthias Theis, nascido em 1968,
estudou teologia na Bélgica, líder congregacional
Centro Cristão Buchegg, vive em Dietikon ZH



8 000080 030104 >